

Empreendedores imigrantes étnicos na Place d'Italie, Paris²¹

Carmen Rial²²

Miriam Grossi²³

Andrea Eichenberger²⁴

Paris como cidade global

Paris é uma cidade global desde o século XIX. Segundo Saskia Sassen (1991), uma cidade global é um espaço onde se encontram fluxos midiáticos, financeiros, culturais e uma população multiétnica, contando sua economia com uma mão de obra de imigrantes. Os 87 quilômetros quadrados que muitas vezes são chamados de *Paris intramuros* incluem cada vez menos

²¹ Esta é uma versão revista e atualizada de capítulo de livro publicado em inglês em Vailati; Rial 2017.

²² Jornalista e antropóloga, tem doutorado em Antropologie et Sociologie pela Université de Paris V. Professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina

²³ Professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Anthropologie Sociale et Culturelle – Université de Paris V.

²⁴ Doutora em Antropologia pela Universidade de Paris 7 – Sorbonne Paris-Cité, em cotutela com a Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisadora do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC).

moradores de baixa renda devido à gentrificação,²⁵ que expulsa para a periferia nativos franceses e imigrantes estrangeiros que não podem pagar os altos aluguéis na capital cultural da Europa, uma cidade com a elevada densidade populacional de mais de 20 mil habitantes por quilômetro quadrado, comparável apenas a Nova York e algumas cidades asiáticas (Manila, Mumbai, Dahka entre elas).

Estudos demográficos oficiais sobre a composição da população de Paris usam o termo “imigrante” para se referir aos residentes da França metropolitana que não nasceram em Paris, que podem ou não ter nacionalidade francesa.²⁶ Em escala nacional, de acordo com o Institut National de la Statistique et des Études Économique (INSEE),²⁷ aqueles definidos como imigrantes compõem 20% da população francesa atual, uma porcentagem não superior à de 1930. Em 2011, a população de Paris era estimada em 2.249.975 (dos quais 456.105 eram imigrantes), inferior aos 2.900.000 de 1921, ano em que a cidade teve seu maior número de moradores, e ao número de habitantes de 2022, que diminuiu para 2.140.00 habitantes.²⁸

²⁵ O custo de compra de um metro quadrado em Paris em 2008, quando realizamos a pesquisa deste artigo, era de cerca de 6 mil euros ou menos nos 10^o, 12^o, 18^o, 19^o e 20^o *arrondissements*, e 8 mil euros ou mais no 1^o, 4^o, 5^o, 6^o, 7^o, e 8^o *arrondissements*. No bairro estudado, estava na faixa de 6 mil a 7 mil euros por metro quadrado (Pinçon e Pinçon-Charlot 2008: 98). Em julho de 2022, o preço médio do m2 em Paris é de 11.488 euros, sendo que no bairro estudado, no 13^oème o preço médio é de 10.716 euros por m2 (<https://immobilier.lefigaro.fr/prix-immobilier/paris/ville-75056>). O preço dos aluguéis acompanham essa divisão. Em julho de 2022, o preço médio de aluguel em Paris é de 35 euros por m2, e no 13^oème, é de 32 euros por m2.

²⁶ Desde o início do século XIX, a emigração interna na França por moradores das “províncias” para a capital, reconhecida na expressão *monter à Paris* (“subir para Paris), foi e continua sendo amplamente representada na literatura, no cinema e em outras formas de expressão artística como uma experiência relacionada à alienação, sofrimento e realização. Trata-se de um *topos* da vida social francesa, geralmente ligado a uma experiência da juventude e relacionado à importância que a cidade de Paris teve até o final do século XX como centro estudantil, político e econômico.

²⁷ <https://www.insee.fr/fr/statistiques>

²⁸ <https://www.statista.com/statistics/1046125/population-of-paris-france/>

Com uma população estimada de 2.132.577 habitantes em 2022,²⁹ para uma área de 10.540 hectares, Paris é a quarta maior cidade da União Europeia. Sua densidade é, portanto, de 20.544,8 habitantes/km,² tornando-se a sétima cidade mais densamente povoada do mundo,³⁰ só sendo rivalizada na França pelas comunas que circundam a cidade, porque todas as outras cidades francesas têm densidade inferior a 10 mil habitantes por quilômetro quadrado.³¹

No período entre as guerras, a grande maioria dos imigrantes na França veio de países da Europa Central, enquanto no pós-Segunda Guerra Mundial houve forte imigração do sul da Europa (Portugal e Espanha) e do norte da África (Argélia, Tunísia e Marrocos), fluxos incentivados por políticas estatais que procuraram estimular o crescimento industrial e que estiveram também vinculadas à situação colonial francesa. No século XXI, os imigrantes mais visíveis e os mais discriminados são aqueles que emergem dos processos pós-coloniais contemporâneos e dos fluxos de mobilidade (Tim Creswell, 2009) com causas diversas. Este estudo enfoca esses imigrantes cujas identidades são etnicizadas por suas origens africanas, asiáticas ou latino-americanas, enquanto aqueles que eram “estrangeiros” na década de 1930 agora se tornaram “europeus” na recente integração dos países do sul e leste da Europa na comunidade europeia.³² Assim, reconhecemos que as políticas estatais moldam o fluxo e as identidades dos migrantes (Lee Beyer; Mechteld Venken; Idesbald Goddeeris, 2009).

²⁹ Dado estimado a partir do censo de 2019, onde Paris tinha seus 2.165.423 habitantes.

³⁰ Manhattan tem uma densidade de 24.200 por km²; a de Londres é inferior a 8 mil, e a de Moscou, inferior a 10 mil (Pinçon e Pinçon-Charlot 2008: 8).

³¹ Uma densidade que inclui os bosques de Boulogne e Vincennes, sem a qual seria ainda maior: 33.400 habitantes por km² (Pinçon e Pinçon-Charlot 2008: 26).

³² Julia Kristeva (1991) analisou o comportamento dos europeus em relação àqueles entendidos por eles como estrangeiros, ou seja, o estranho, o forasteiro, o estrangeiro. Para ela, ao estudar a noção no contexto europeu ao longo dos séculos, a produção do “outro” está intimamente relacionada à produção do “eu”. Ela argumenta que produzir o estrangeiro é o mesmo que produzir a si mesmo e que significa construir uma fronteira de cidadania e civilidade.

Como mostrou Bernard Marchand, em 1886, Paris era a cidade francesa com mais moradores do interior da França: apenas 36% dos parisienses haviam nascido lá naquela época, enquanto 56% nasceram em outro lugar, no departamento de Sena³³ ou no interior, e 8%, em outros países (1993, p. 134). No final do século XX, o número de parisienses nascidos em Paris era ainda menor. Em 1999, apenas 31% dos residentes haviam nascido na capital, e 14,5%, no resto da Île-de-France, enquanto 32% vieram do interior, e 23% nasceram em outros países (Michel Pinçon; Monique Pinçon-Charlot 2008:29). Como vemos nessas estatísticas, a imigração de estrangeiros quase triplicou em um século.

Enquanto hoje muitos imigrantes são de origem estrangeira, no século XIX, a imigração para Paris era constituída por pessoas do interior francês — os chamados *provinciaux* —, que se mudaram para a capital, especialmente de Limousin, Bretagne e Auvergne. Esses imigrantes estão localizados em espaços bem definidos no interior dos bairros — nos chamados *quartiers* —, que assumem ares de suas regiões de origem: os bretões são encontrados perto da Gare de Montparnasse e os de Auvergne, perto do Faubourg Saint-Antoine.

Assim como os imigrantes do interior, os estrangeiros também se localizam em lugares específicos da cartografia da cidade, o que marca esses lugares étnicamente. Assim, a porção leste do 13^o *arrondissement* é o lugar de escolha de asiáticos (vietnamitas, cambojanos, chineses) sendo a

³³ O departamento agora é chamado Île de France.

Chinatown parisiense,³⁴, o *quartier* da Goutte d'Or no 18^o *arrondissement* é ocupado por africanos, enquanto a comunidade tâmil do Sri Lanka e outro étnicos indianos situam suas lojas na Avenue de la Chapelle entre a Gare du Nord e a estação de metrô La Chapelle no 10^o *arrondissement*.

Foram sucessivas as ondas de chegada de imigrantes estrangeiros e a ocupação desses espaços: primeiro os belgas e poloneses, depois espanhóis (o grande êxodo causado pela derrota dos republicanos frente às forças de Franco), portugueses e italianos, e depois trabalhadores das ex-colônias francesas na África e na Ásia. Uma visita ao chamado Museu da Imigração,³⁵ inaugurado em 2008 no prédio do Museu de Artes Africanas e da Oceania (que havia sido criado após a exposição universal de 1931 como Musée des Colonies), revela a existência de cerca de 200 nacionalidades identificadas em Paris. São muitos e de diversas origens: em 2010, residiam em Paris cerca de 306 mil

³⁴ Um bairro “chinês” que dá visibilidade, por meio de restaurantes e outras lojas étnicas, a uma forte presença de imigrantes asiáticos em Paris. A etnicização do bairro começou na década de 1970 por meio de um projeto arquitetônico para a modernização urbana de Paris, que envolveu a destruição de casas tradicionais da classe trabalhadora do século XIII para a construção de edifícios altos conhecidos como *tours*, com vinte a trinta andares. Esse processo de reformulação urbana do governo Pompidou levou à chegada massiva de refugiados vietnamitas e cambojanos à cidade, instalados com apoio estatal — por meio de programas para refugiados políticos — nesse espaço urbano. Ali foram projetados um conjunto de arranha-céus com dezenas de edifícios. A polêmica que se seguiu a essa construção acabou por reduzir o número das torres drasticamente. As torres do 13^{ème} são presentes na literatura — o polêmico Michel Houellebecq habitava ali e as descreveu em seus romances — e no cinema, com *Les Olympiades*, de Jacques Audiard (2021). No início dos anos 1970, refugiados políticos latino-americanos também chegaram a Paris, fugindo de regimes totalitários no Brasil, Chile, Uruguai e Argentina — um grupo etnicamente menos marcado que rapidamente se integrou à sociedade francesa.

³⁵ O Museu das Colônias foi construído para a exposição colonial de 1931 e foi projetado como um edifício *art déco* por excelência. Os murais e afrescos são montagens alegóricas da França no exterior, altamente representativas do domínio colonial e do racismo. Em 1935, o museu tornou-se o Musée d'outre-mer, levando adiante a missão de educar o público sobre as colônias. Em 1960, tornou-se Musée National des Arts d'Afrique et d'Océanie (Museu de Artes Africanas e Oceânicas (Maao) e depois, em 1990, Museu Nacional de Artes da África e Oceânia. A partir de 2007, passou a chamar-se Cité nationale de l'histoire de l'immigration (Cidade Nacional da História da Imigração).

estrangeiros, ou seja, 9,4% do total de 3.200.000 estrangeiros na França — os parisienses representam apenas 3,4% da população total do país.

Os estrangeiros que habitam Paris o fazem, como vimos, em locais preferenciais. Os distritos em que encontramos taxas de estrangeiros acima da média são aqueles em que o preço da residência é mais barato (18°, 19° e 20° *arrondissements*), os do centro e leste (2°, 3°, 10° e 11° *arrondissements*) e, surpreendentemente, nos locais onde os valores imobiliários são os mais elevados da cidade (8° e 16°, Pinçon; Pinçon-Charlot, 2008, p. 30). Essa presença estrangeira nos bairros nobres da capital se explica bem menos pela aquisição de apartamentos de luxo por milionários ingleses, árabes e asiáticos, ou pela presença dos funcionários de nível superior de muitas das embaixadas da região e uma população estrangeira de elite, e mais pelo fato de espanhóis, portugueses e marroquinos prestarem serviços em apartamentos privados, cuidarem dos edifícios e viverem no local — nas chamadas *loges de concierges*.

Como em tantas cidades globais, quer vivam ou não “dentro dos muros” de Paris, a presença desses imigrantes é essencial para a força de trabalho da cidade e a prestação de serviços. Eles estão atrás dos balcões de lojas e supermercados, como trabalhadores ou lojistas, limpando ruas e escritórios, cuidando de crianças e idosos e garantindo, assim, a existência da cidade.

É no contexto dessa situação da imigração em Paris que realizamos a pesquisa deste texto. Ao contrário de outros estudos sobre imigrantes na França, que se concentram em uma análise da exploração e da desigualdade, como os realizados por Colette Pétonnet (1979) ou Pierre Bourdieu e sua equipe (1993), nossa pesquisa focalizou outro tipo de imigrante, aquele que deixou para trás as circunstâncias de exclusão criadas pela situação da imigração e se tornou seu próprio patrão, abrindo pequenos negócios. Alguns (mas não todos) desses negócios “assumem seus significados e qualidades

distintivos através da codificação de pessoas, práticas e objetos como especificamente ‘étnicos’” (Jonathan Everts, 2010).³⁶

A vizinhança

Na Place d’Italie, não surpreendentemente, somos confrontadas com algumas presenças étnicas e algumas ausências — a presença de norte-africanos, asiáticos, latino-americanos e a ausência de judeus (cujos negócios se concentram tradicionalmente no *quartier* do Marais, no 3º e bretões, entre outros. Segundo dados do INSEE,³⁷ em 2018 eram de mais 183.632,

³⁶ Usamos a categoria de etnicidade para reconhecer as diferenças culturais. No entanto, evitando noções essencialistas, também reconhecemos que as práticas individuais definem identidades étnicas. Como observa Alleyne, as comunidades étnicas não são entidades estáticas e devem ser vistas “como uma rede de agentes com projetos em constante mudança, em vez de uma tapeçaria de pessoas com raízes compartilhadas” (2002: 622).

³⁷ População por ano

1968 - 158.280

1975 - 163.313

1982 - 170.818

1990 - 171.098

1999 - 171.533

2008 - 179.500

2013 - 183.713

2018 - 180.632

Densidade média (hab/km²) por ano

1968 - 22.137,1

1975 - 22.841,0

1982 - 23.890,6

1990 - 23.929,8

1999 - 23.990,6

2008 - 25.104,9

2013 - 25.694,1

2018 - 25.263,2

• Os dados fornecidos são estabelecidos com a mesma abrangência geográfica, na geografia vigente em 1º/01/2021.

• Fontes: Insee, contagens de RP1967 a 1999, fazendas principais de RP2008 a RP2018.

sendo essa a última estatística disponível. Trabalhamos com os dados de 2011, quando realizamos a etapa mais densa da pesquisa. A população do 13º era então de 183.260 habitantes, incluindo 38.671 estrangeiros, que é a mesma proporção de estrangeiros de Paris, ou seja, 21,1% do bairro. A maioria desses estrangeiros provém dos países do norte da África (Argélia, Marrocos e Tunísia), que somavam 9.113 imigrantes em 2011, seguidos de europeus, com 8.828 habitantes (principalmente portugueses, italianos e espanhóis), 6.916 de outros países africanos e 14.417 de outros países.

As ruas escolhidas na pesquisa fazem parte administrativamente do que é considerado como um dos espaços mais cobiçados do 13º *arrondissement*, entre a Place d'Italie e a Butte aux Cailles.³⁸ A Place d'Italie tem um grande shopping center e é um espaço de alta circulação urbana, devido ao número de metrô e ônibus que para ali confluem. A Butte aux Cailles é historicamente conhecida por sua resistência anarquista durante a Comuna de Paris, de 1871. Hoje é um bairro com muitos restaurantes e uma dinâmica vida noturna parisiense, atraindo um público jovem, e habitado por artistas e intelectuais de classe média.

Essa área foi transformada acompanhando a gentrificação geral da cidade e, como algumas outras regiões, sofreu mudanças ainda mais profundas. Tradicional bairro boêmio, de “esquerda”, com associações anarquistas que remontam ao século XIX, é passagem para a Chinatown, localizada, como dissemos, no 13º, porém mais próxima ao Boulevard Périphérique, onde os donos das lojas, também mantidas por imigrantes, têm uma origem étnica mais homogênea, sendo quase todos asiáticos: vietnamitas,

³⁸ A Butte aux Cailles era uma colina perto do rio Bièvre, batizada em homenagem a Pierre Caille, que a comprou em 1543 e que ali localizou vários moinhos de vento. Durante o século XVII, foi local de pedreiras de extração do calcário e diversas atividades (tapeçaria, tinturaria, lavagem de roupa e talho), que sujavam a região. Em 1784, foi construída uma muralha onde hoje se ergue o Bd. Auguste Blanqui, bairro que pertencia à comuna de Gentilly, na fronteira com Paris, parte da qual foi incorporada à cidade em 1860. Dado o subsolo frágil, do qual se retirou o calcário, não se autoriza a construção de edifícios pesados, e assim o Butte mantém o ar de uma aldeia até hoje.

cambojanos ou chineses. Com a conclusão da Biblioteca Nacional François Mitterrand, transferência para o 13º de universidades como a Université de Paris 7, por uma década da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS),³⁹ mais recentemente pela instalação da sede parisiense da Universidade de Boston, toda a região ao redor do Boulevard Vincent Auriol foi transformada: houve a restauração dos antigos *moulins*, os moinhos industriais de farinha, a construção de novos edifícios de uma arquitetura modernista e a instalação, especialmente na Av. de France, de um comércio intelectual com livrarias, cinemas, lojas de artigos esportivos.

Embora localizada mais próxima da Place d'Italie e a cerca de 1 km do novo *quartier* da grande biblioteca, a rue du Père Guérin também viu suas características mudarem profundamente. O que hoje é uma rua agradável, com belas vitrines, restaurantes, pequenos comércios, apartamentos com flores nas varandas, iluminação elegante e ciclovias, no final do século XX tinha uma atmosfera empobrecida que refletia um certo abandono do governo: lixo nas calçadas, carros estacionados em ambos os lados da rua estreita e prédios antigos com quartos pequenos, alguns com banheiro no corredor,⁴⁰ muitos dos quais tinham sido no início do século XX hotéis para trabalhadores manuais. Como muitos desses trabalhadores eram imigrantes homens, a composição demográfica era mais masculina do que é hoje. O que mudou radicalmente: segundo o censo de 2018 para o bairro 13º, o número de moradias habitada por uma mulher sozinha (27.071) supera a de homens só (18.663), ficando atrás de casais com crianças (61.648) e de casais sem crianças (35.455).⁴¹ Esses números provavelmente são diferentes

³⁹ École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, o principal centro de educação em ciências sociais na França, ficou localizada no 13º por um período de alguns anos antes de ser estabelecida em 2020 no Campus Condorcet, ao norte de Paris, em Aubervilliers.

⁴⁰ Como descrevemos em outro artigo (Grossi & Rial 2000), os apartamentos de baixo custo em prédios antigos em Paris não tinham banheiro privativo. Havia banheiros coletivos nos corredores ou escadarias, e os banhos eram tomados fora da casa, no espaço público dos banhos públicos.

⁴¹ <https://www.insee.fr/fr/statistiques/2011101?geo=COM-75113#chiffre-cle-1> (consultado em fevereiro de 2022).

nas ruas pesquisadas. Dada a predominância de apartamentos de uma só peça (os *studios*), temos a hipótese de que as moradias habitadas por mulheres ou homens sós seja superior à média do bairro.

Os espaços residenciais também mudaram substancialmente. Por exemplo, na rue du Père Guerin, onde antes havia uma pensão de baixa renda e um restaurante marroquino especializado em pratos como cuscuz e tagines, hoje há um edifício HLM⁴² com apenas cinco grandes apartamentos. Onde havia uma movimentada associação de trabalhadores portugueses,⁴³ e mais tarde, por um curto período, um restaurante africano, agora há uma loja de calçados infantis (Aimée la Fée) de proprietários franceses. Onde antes havia uma costureira, agora há um salão de beleza movimentado, de proprietários chilenos, filhos de exilados. Essas mudanças dão prova da dinâmica social de gentrificação e mobilidade dos espaços do bairro e correspondem ao que ocorre na cidade como um todo.

Aos finais de semana e à noite, os restaurantes da Butte-aux-Cailles atraem uma clientela de jovens profissionais parisienses de alto poder aquisitivo — os chamados *bobôs*, na gíria local — e, mais recentemente, também turistas, dando um ar animado ao bairro, com pequenas aglomerações em frente aos bares e cafés, especialmente nas noites dos finais de semana. Essa exuberância tornou-se até fonte de forte conflito entre moradores tradicionais e os bares e restaurantes, com queixas de barulho, lixo e outros

⁴² HLM é a sigla para *Habitation à Loyer Modéré*, habitação de aluguel moderado em tradução literal. HLMs constituem 16% de todas as habitações na França. Existem aproximadamente 4 milhões dessas residências, abrigando cerca de 10 milhões de pessoas. O padrão de vida nos conjuntos habitacionais HLM é muitas vezes o mais baixo do país, mas não em todos os bairros, especialmente na periferia. Setenta e dois por cento dos HLMs franceses construídos antes de 2001 (e 95% daqueles construídos entre 2001 e 2011) são pequenos edifícios ou casas individuais. O tamanho médio dos edifícios é de vinte apartamentos. A construção do HLM é financiada principalmente por fundos arrecadados no Livret A, um tipo de caderneta de poupança regulamentada pela Caisse des dépôts et consignations.

⁴³ Não por acaso, os portugueses são uma das maiores comunidades de imigrantes do bairro 13o.

inconvenientes criados pelos clientes.⁴⁴ De fato, durante a semana, nos restaurantes, os clientes preferenciais não são turistas, mas funcionários dos escritórios de bairro, especialmente do prédio do grande shopping Paris 2. Isso se reflete nos menus, que oferecem uma refeição a preço fixo com entrada, prato principal e sobremesa a um custo que corresponde ao valor de um vale-restaurant (em 2011, inferior a 10 euros), que, segundo a lei, os trabalhadores das empresas que não dispõem de cafetaria devem obrigatoriamente receber como parte do salário. Esses funcionários que comem na hora do almoço, segundo os donos dos restaurantes, também frequentam os restaurantes à noite, pagando os preços padrão.

Práticas diárias e domésticas

A pesquisa adotou um foco micro na tentativa de compreender os processos migratórios a partir das práticas cotidianas e domésticas dos agentes, sejam indivíduos ou grupos familiares, residentes na França, e que tenham uma relação atual ou historicamente forte com um país estrangeiro. Apesar de apresentar diversos vínculos com seu país de origem, nem todos poderiam ser classificados como imigrantes transnacionais (Rainer Bauböck; Thomas Faist, 2010). O estudo incidiu mais precisamente sobre um grupo de imigrantes que atuam no espaço urbano selecionado, um grupo que se caracteriza por serem donos de seus negócios, ou seja, como *imigrantes empreendedores*. A partir de suas biografias, buscamos analisar as motivações de seus movimentos migratórios, seus projetos de mobilidade social e como sua situação familiar influenciou suas condições empresariais, tendo como foco analítico o lugar central que a constituição de uma pequena empresa tem sobre a vida deles.

⁴⁴ Um artigo no *Journal du 13ème* (de novembro de 2011) relata as negociações entre as associações de moradores e os lojistas e a mediação do governo municipal local para manter a “vocalização artística e turística” do Buttes aux Cailles e descreve como as políticas públicas locais sustentam o caráter cosmopolita do bairro.

Optámos por estudar 500 metros ao longo da rua du Père Guerin e do Moulin des Près, observando como as pequenas empresas de imigrantes parecem ter uma forte presença espacial e figurativa nesse espaço da cidade, nomeadamente através do impacto visual dos letreiros dos sete restaurantes “étnicos” localizados nesse espaço urbano (dois indianos, um mexicano, um chinês, um italiano, um tailandês e um vietnamita), além de uma mercearia sul-coreana e uma lanchonete turca que vende kebabs, localizados nas proximidades. Nesse pequeno trecho, encontramos, além dos restaurantes mencionados, dois chaveiros (um de um cambojano e outro de um argelino), duas casas de massagem (de uma chinesa e de uma tailandesa), um antiquário (de uma brasileira), um consultório de dentista (de um asiático), um salão de beleza (de um chileno), uma lavanderia (de um tunisiano), uma mercearia (de um tunisiano), um alfaiate (de um turco) e uma padaria (de uma argelina-kabyle).⁴⁵

Há também lojas na área do estudo pertencentes a franceses não imigrantes: na rue Père Guerin, há uma loja de calçados infantis; um consultório de três parteiras que atendem gestantes, com ioga; uma loja especializada em chocolate; e outra lavanderia. Na rue du Moulin des Près, há uma loja de bebidas, uma franquía da rede de vinhos Nicolas, uma papelaria-livraria, uma oficina de conserto de eletrodomésticos, um grande café, outra loja de chaves, uma agência de viagens, uma imobiliária e um reciclador de cartuchos de impressão.

Metodologicamente, essa foi uma pesquisa a seis mãos: o estudo foi conduzido por três antropólogas brasileiras, duas das quais tiraram fotografias. Tanto a câmara quanto nossa origem étnica tiveram um papel importante, ajudando a “abrir portas”, processo que, no caso da câmara, já foi

⁴⁵ Atualmente, em 2022, pertence a tunisianos.

suficientemente analisado para merecer nos termos aqui.⁴⁶ Vale analisar brevemente o fator étnico como “abridor de portas”.

Cada uma das pesquisadoras se apresentou como “brasileira”, o que auxiliou nos contatos, tornando os interlocutores mais abertos ao diálogo. Muitos dos interlocutores expressaram uma opinião positiva sobre o Brasil, que variava — e às vezes era contraditória —, mas sempre agradável e girava em torno dos topos carnavalescos, futebol e praias, e imagens de um país hospitaleiro. Para citar alguns:

- “Ah, eu amo o futebol brasileiro. Você tem grandes jogadores, há muitos jogadores brasileiros na Turquia”, comentou o alfaia-te turco, que também disse ser fã do Fenerbahçe de seu país de origem.
- “Conheço o Brasil, estive em Campina Grande, Recife, Salvador... As praias, as pessoas, tudo é maravilhoso”, disse o dono do restaurante mexicano que trabalhou em hotéis no Brasil.
- “O Brasil é um país pacífico, não há guerras lá”, disse o chaveiro cambojano, que indicou ser assombrado por imagens do genocídio de sua família pelo Khmer Vermelho. Quando mencionamos alguns momentos sangrentos da história brasileira, como a Guerra do Paraguai, ele ainda manteve sua visão de um país cordial: “Talvez 100 anos atrás, mas não agora. Vocês não querem guerra, como outros lugares querem.” E também citou o carnaval como uma característica brasileira que ele admirava.

Mas além dos clichês comuns sobre um país pacífico, feliz e tropical, ficamos surpresos ao ver a importância que o governo Lula teve para a ampliação das representações positivas do país. “Lula fez um bom trabalho.

⁴⁶ Uma câmera facilita os contatos entre o pesquisador e os estudados, como notaram vários antropólogos visuais. A observação é legitimada por sua presença, e os sujeitos geralmente mostram coisas “para a câmera” que talvez não em um contato inicial. Serve, assim, como uma forma de mediação que, na maioria dos casos, facilita o contato, embora às vezes possa ser motivo de constrangimento. Ver Collier Jr. 1986; Rial 2001.

Quando os americanos lhe disseram para boicotar o Irã, ele respondeu: ‘Tenho negócios lá, vou continuar’, enfatizando as boas relações do Brasil com os países árabes.”

O outro chaveiro, argelino, também compartilhou uma imagem positiva do Brasil, ainda que inversamente, enfatizando a posição firme de Luiz Inácio Lula da Silva em relação à política dos EUA em relação aos países árabes. A admiração pelo ex-presidente Lula, sua independência na política externa e, principalmente, sua capacidade de falar não se estendia a Dilma Rousseff, pelo menos não da maneira que ela aparece publicamente. “Falta *massou* em Dilma”, disse ele, usando um termo árabe que significa falta de molho ou sabor.

Assim, mesmo evocando diferentes topos estereotipados, a imagem do Brasil foi sempre positiva, o que facilitou o contato inicial, criando uma disposição solidária e rapidamente estabelecendo uma cumplicidade também porque compartilhávamos um status comum de estrangeiros.

Interlocutores

Os estudos de migração mostraram que não são os imigrantes mais pobres que partem em aventuras migratórias (Maxime Margolis, 1994; Carmen Rial, 2008). Mas a ênfase nas questões econômicas como motivação é mantida na literatura desde a famosa declaração do economista J. K. Galbraith definindo a migração como “a mais antiga ação contra a pobreza” (*apud* Rajović, 2013, p. 1), e nas narrativas acusatórias e xenófobas contra os imigrantes que são discurso comum na mídia e de políticos na Europa. No entanto, entre os pequenos empresários estudados, nenhum mencionou fatores econômicos como motivo de sua saída de seu país de origem, enfatizando outras questões para justificar seus planos de migração. Identificamos três categorias de imigrantes, de acordo com a motivação inicial: imigrantes culturais, imigrantes políticos e imigrantes pós-coloniais.

Imigrantes culturais

Imigrantes culturais são aqueles que foram à Paris para estudar ou expandir seus conhecimentos por meio do contato com uma cidade global cosmopolita que oferece várias oportunidades intelectuais maiores do que as encontrariam em suas terras de origem, segundo nos disseram. Entre os motivos de sua imigração está a busca de contato com uma maior “modernidade” (que se poderia traduzir como liberdade individual e maior possibilidade de consumo cultural e material). Em geral, no início de sua estadia na França, para se sustentar, envolvem-se em trabalhos que exigem menos capital cultural, como o trabalho em restaurantes ou fast foods, considerando que priorizam o estudo. Com o tempo, a atividade de sobrevivência, que antes era secundária, pode se tornar central. Isso geralmente ocorre por meio da compra ou formação de uma pequena empresa.

Esses imigrantes sentem-se à vontade em outros países, como na França, sem deixar de se identificar com a sua nação de origem. Porém, com o tempo, a distância do país de origem cresce. À medida que adquirem um ethos mais individualista, passam a se identificar mais com um ethos francês e a lhes parecer excessivos a hierarquia e o “holismo” (Louis Dumont, 1972) presentes em suas sociedades de origem.

A literatura sobre cosmopolitas (Ulf Hannerz, 1990) tem apresentado o cosmopolita típico como uma pessoa ocidental e branca, com recursos financeiros, que viaja para países exóticos para saciar uma curiosidade cultural e experimentar novos sabores e ambientes. Pensamos, porém, que os imigrantes culturais aqui apresentados podem ser considerados cosmopolitas, capazes de viver em outros países e ali ascender socialmente, apesar de um perfil diferente. São o que Kwame Anthony Appiah (1998) chamou de “patriotas cosmopolitas”, cujos pais, geralmente de classe média em sua nação de origem, abrem possibilidades educacionais e culturais para os filhos, que se tornam cosmopolitas sem perder seus vínculos nacionais, ou, nas palavras de Appiah, suas raízes:

O patriota cosmopolita pode entreter a possibilidade de um mundo no qual todos são cosmopolitas enraizados, têm todos um lugar seu, com suas particularidades culturais, mas sentem prazer em estar com os outros, diferentes, lugares que são de outras, diferentes pessoas. O cosmopolita também imagina que em um mundo assim nem todos acharão melhor ficar em sua pátria natal, de modo que a circulação de pessoas entre localidades diferentes envolverá não apenas turismo cultural (de que o cosmopolita admite desfrutar), mas imigração, nomadismo, diáspora. (1998, p. 618)

Podemos dar dois exemplos de imigrantes culturais que encontramos na Place d'Italie. O primeiro, de uma jovem artista coreana de classe média que veio a Paris para estudar escultura e acabou comprando uma pequena loja de outro coreano onde ela faz e vende comida coreana. Ela não pensa em voltar para a Coreia do Sul, onde seus pais têm negócios. O segundo, de uma brasileira, de 55 anos, que também morou alguns anos no bairro, onde estabeleceu uma rede de amigos e clientes para os serviços da empresa familiar que realiza restauração, pintura e decoração em casas e apartamentos da elite. Ela veio para Paris no início de 1980 para continuar seus estudos universitários em linguística e literatura francesa. Com o tempo, e após a união com um francês, que na época estudava arqueologia, mudou seu interesse para uma área de serviços com maior oportunidade no mercado de trabalho local, junto com seu marido francês, que passou a trabalhar com marcenaria. Seu caso representa um dos modelos cosmopolitas de imigração no bairro, em que casamentos interétnicos entre estrangeiros e franceses garantem residência na França aos primeiros e ampliam também o universo de relações profissionais por meio de redes sociais mais globalizadas e com maior capital cultural.

Refugiados políticos

Classificamos como refugiados políticos os imigrantes que têm o estatuto legal de refugiados ou que, mesmo que não o tenham, vieram para a

França para escapar de situações aterradoras nos países de origem. Esse grupo mantém uma relação mais ambígua e complexa com o seu país de origem, uma vez que não podem (ou não puderam durante um longo período) regressar a ele devido ao seu estatuto de refugiado ou às condições políticas nacionais adversas.

É o caso de um homem cambojano, de uns 45 anos, dono da loja de chaves. Ele deixou o Camboja depois de seu pai, que era enfermeiro, e todo o resto de sua família terem sido massacrados pelo Khmer Rouge. Embora na França há 17 anos, ele fala com um forte sotaque e claramente tem dificuldades com⁴⁷ a língua francesa. A guerra é recorrente em sua conversa. O fato do Camboja permanecer sob o regime comunista é um dos elementos que o afasta do país e enfraquece seus laços com sua terra natal, por razões ideológicas. Ele só voltou uma vez ao Camboja e não quer voltar novamente. “Minha vida é aqui, não tenho outro lugar.”

Outra refugiada política que encontramos é a proprietária de um restaurante indiano, uma mulher do Sri Lanka que escapou da perseguição do movimento guerrilheiro Tamil Tigers. Ela mostrou ter uma visão mais positiva de sua vida parisiense. Depois de entrar na França como refugiada, tentou vários empregos, mas, por causa das dificuldades em aprender francês, acabou no ramo de alimentos, com ajuda de fundos familiares e “muito trabalho”. Em seu relato, as memórias da guerra e da perseguição não são tão severas quanto as do cambojano, e seus laços com seu país natal foram restabelecidos com o fim dos conflitos étnicos e políticos no Sri Lanka. Assim, a categoria de migrante transnacional se aplica ao caso dela, e não ao fabricante de chaves cambojano, que, como diz o ditado espanhol, “queimou seus navios” e não tem mais contato com a pátria.

O negócio de alimentos, o trabalho em restaurantes ou como *traiteurs*, é um campo em que as marcas étnicas, longe de serem impedimentos,

⁴⁷ Seu caso aponta para as tensões decorrentes de seguidos projetos de lei de imigração na França que desejam implantar prova de conhecimento de língua francesa como um dos pré-requisitos para a obtenção de visto de residência.

tornaram-se uma vantagem no mercado de cidades globais. A segunda geração de imigrantes políticos revela novas facetas da experiência dos refugiados na França: inserção em outras esferas econômicas e maior domínio da língua e das práticas sociais locais.

É o caso do cabeleireiro de 35 anos, filho de chilenos que escaparam do regime de Pinochet. Ele veio para a França ainda criança e teve toda a sua educação e laços afetivos no país estrangeiro. Estimulado pelos pais a ter um negócio próprio e boa inserção na vida local, fala francês com perfeição e em poucos anos conquistou uma clientela fixa no bairro, majoritariamente de franceses. O sucesso do negócio permitiu-lhe incorporar o costume das empresas francesas de tirar férias e fechar o salão de beleza (onde emprega a irmã) no mês de agosto, revelando a sua clara inserção no ethos francês de valorização das férias e tempo de lazer — o que não aparece tão claramente nos outros imigrantes da primeira geração que também mantêm negócios na rue du Père Guérin.

Observamos neste grupo de imigrantes vivendo no bairro diferenças que surgem quando há mudanças nos regimes políticos em seu país de origem. Foi o que ocorreu com um casal de psicanalistas argentinos, sem filhos, que vieram como refugiados políticos da ditadura militar nos anos 1980 e puderam retornar ao país em 1997. A possibilidade de retorno é vista de forma diferente, dependendo do tempo que moram na França, de suas idades e das idades de seus filhos, quando os têm. Em geral, a existência de filhos adultos casados e de netos impede os planos, mesmo que o imigrante tenha desejado por muito tempo de retorno ao país.

Imigrantes pós-coloniais

Nesta categoria, que tem o maior número de imigrantes, encontramos aqueles que vêm principalmente de países mediterrâneos, do norte da África, do chamado *Magreb*: marroquinos, argelinos, tunisianos e da Turquia. Eles saíram de seu país para se instalar em outro que julgam próximo do seu, dadas as relações históricas de colonização. A sensação de proximidade

entre os moradores da ex-colônia com a ex-metrópole francesa decorre principalmente do domínio da língua francesa, que muitas vezes é a principal língua ensinada nas escolas em sua nação de origem.

Para esses imigrantes, as fronteiras não são impermeáveis. Ao contrário, há uma grande proximidade entre o país de origem e o de destino, um vaivém mais constante, e, para alguns, o país de origem é quase uma outra região da França.

Um desses imigrantes, turco, trabalha em uma alfaiataria há anos, ou seja, em uma profissão altamente valorizada na França, muito competitiva e uma das poucas que permaneceu em solo francês, não tendo se “deslocalizado” para lugares onde a mão de obra tem menor custo, por conta de processos do capitalismo global. Ele nos contou, com uma ponta de orgulho, que costura para o estilista Yves Saint-Laurent, entre outros, e que recentemente participou de uma equipe que criou cinco ternos feitos a mão para o então recém-empossado presidente François Hollande. Conversamos com ele durante seu mês de férias, quando estava substituindo um amigo turco que é o dono da *retoucherie*⁴⁸ onde o encontramos.

Dono de um comércio de chaves, um dos argelinos entrevistados está na França há 28 anos e tem uma loja há 6. Com um francês impecável, ele explicou: “Eu trouxe o francês na minha bagagem.”⁴⁹ Ele foi casado por 2 anos com uma francesa, que o deixou, segundo suas palavras, “para viajar”, e agora está casado com uma argelina com quem tem um filho de 11 meses. O filho nasceu ao mesmo tempo em que comprou uma nova loja, o que não foi mera coincidência. Quando estava prestes a ter o filho, fez um empréstimo bancário e comprou um espaço comercial por 80 mil euros. A relação com seu país de origem se estende às conversas diárias com sua família por telefone e à celebração, na Argélia, de eventos marcantes, como o nascimento do seu filho e seu casamento.

⁴⁸ Costureiro que faz ajustes em roupas já prontas.

⁴⁹ “J’ai amené le Français dans la valise.”

No mesmo grupo de imigrantes pós-coloniais, encontramos dois tunisianos que possuíam lojas na rue Moulin des Près: um deles tinha uma mercearia (vendida em 2020 para uma rede de pequenos supermercados de bairro que reabriu um minimercado agora gerenciado por um casal de indianos) e o outro uma loja de internet e xerox e uma lavanderia automática que continuam em funcionamento sob os mesmos proprietários. Em ambos, o trabalho dos filhos nos empreendimentos se revelou bastante importante.

Pequenas empresas: uma “economia de parentesco”

Os negócios estudados estão inseridos em uma “economia de parentesco”, seja pela presença de familiares ou pela participação da família no capital inicial. A importância econômica da família tem sido bastante invisibilizada nas teorias migratórias de enfoque economicista que retratam os homens como produtores e as mulheres como reprodutoras. Como argumentam Beyers, Venken e Goddeeris:

Na maior parte do século 20, mulheres e crianças estavam entre esses migrantes menos visíveis, e os estudos de migração reproduziram essa invisibilidade ao privilegiar os homens e seus papéis públicos como objetos de estudo. (Beyers, Venken; Goddeeris, 2009, p. 128)

De fato, como afirma Kofman:

Apesar de ser o modo de entrada legal dominante nas últimas duas décadas nos estados da União Europeia, o estudo da migração familiar tem sido marginalizado teórica, metodologicamente e empiricamente. (Eleonore Kofman, 2004).

As mulheres migrantes sempre estiveram presentes no mercado laboral, mas eram invisibilizadas também por exercerem trabalhos não remunerados em empresas familiares, ou mal remuneradas como trabalhadoras domésticas em setores como o de manufatura de roupas. De fato, o

status das mulheres imigrantes sofreu profundas mudanças nos últimas décadas, tendo, segundo as Nações Unidas, aumentado em número⁵⁰ e assumido diferentes posições no mercado de trabalho:

Há vinte e cinco anos, as mulheres migrantes eram distribuídas por todo o espectro de empregos “feminizados”, mas foram em grande parte confinadas aos setores manuais de empregos “femininos” ou pelo setores de menos prestígio de determinados tipos de trabalho, como enfermagem. Sua posição sempre foi a de “primeira a demitir e última a contratar”. Os níveis de desemprego são ainda muito mais elevados para as mulheres migrantes quando comparado com as mulheres em geral (SOPEMI 1998). Ainda assim, quando falamos de “mulheres migrantes” na Europa de hoje, estamos a olhar para uma imagem diversificada. Há mulheres mais velhas da primeira geração que se mudaram do trabalho de fabricação para o de serviços e algumas fornecem a espinha dorsal do trabalho em empresas. “familiares”. (Eleonore Kofman *et al.*, 2000)⁵¹

Como destacamos, os restaurantes estão entre os negócios que, em sua maioria, incluem membros da família como trabalhadores — e foi o que constatamos entre os imigrantes que lidam com comida na Place d’Italie, com destaque para a presença de mulheres. Todos os restaurantes “étnicos”

⁵⁰ “Embora a maioria das populações migrantes internacionais seja equilibrada em termos de gênero, variando entre 47% e 53% do sexo feminino (Donato & Gabaccia 2015), em algumas regiões, os homens superam as mulheres como migrantes internacionais, e, em outras, as mulheres superam os homens” (Ferris *et al.*, 2020). “Although most international migrant populations are gender balanced, ranging between 47 and 53 percent female (Donato & Gabaccia 2015), in some regions, men outnumber women as international migrants and, in others, women outnumber men.”

⁵¹ Twenty-five years ago migrant women were distributed across the spectrum of “feminized” jobs, but were largely confined to the manual sectors of “women’s” jobs or the least prestigious sectors of certain types of work, such as nursing. Their position has always been one of “first to fire and last to hire”. Unemployment levels are still far higher for migrant women when compared with women generally at a different and diverse picture. There are older first generation women who have moved from manufacturing work into services and some into providing the backbone of labour in “Family” businesses.

estudados dependem do trabalho de mulheres, assim como as lojas de conveniência, diferentemente do que observamos no caso dos restaurantes franceses da Place d'Italie. O salão de beleza também é administrado e conta com a mão de obra de uma mulher, a irmã do proprietário, e a pequena mercearia contava com o trabalho regular da esposa do proprietário e o esporádico de filho e nora.

Há uma dívida moral intergeracional que leva os filhos a se inserirem nos negócios dos pais por uma obrigação implícita nas relações de parentesco que implica também na manutenção econômica da família. Mesmo o trabalho infantil encontra-se, aqui, fora de uma lógica estritamente capitalista. Aparece como uma forma de assistência, um *contradom* (Marcel Mauss, 2003) das crianças ao custo de sua educação e/ou uma forma de treinamento para que no futuro possam assumir o negócio.⁵² Para além da família nuclear e extensa, existe uma rede que circunda cada um dos negócios, formada por “amizades” que se estabelecem regularmente por laços étnicos ou nacionais e que podem envolver trabalho laboral ou *contradativa*, como vimos no caso do alfaiate.

Os recursos familiares, capital e/ou trabalho têm um papel central no estabelecimento e sobrevivência dos pequenos negócios (Sue Baines; Jane Wheelock, 1998; Wheelock e Baines, 1998). Aqui, como em outros estudos sobre “empresas familiares”, encontramos uma ligação entre o ambiente doméstico e o empresarial; e a responsabilidade (Finch e Mason, 1993) sentida pelos membros da família em relação à empresa de propriedade de um parente. Esse é um papel semelhante ao da rede étnica, que muitas vezes funciona como uma família extensa. No entanto, nem todos os imigrantes contactados tinham a mesma quantidade de recursos financeiros de suas famílias de origem ou rede social étnica, e seus negócios dependiam

⁵² Um *contradom* é uma dívida devolvida em troca de um presente anterior, geralmente com um lapso de tempo considerado. Como afirmam Godbout e Caillé (1991: 32), “qualificamos a dívida como a prestação de bens ou serviços, sem garantia de retribuição, para criar, sustentar ou recriar relações sociais entre as pessoas”.

de formas diferentes do trabalho familiar. Essa é uma situação comparável à descrita por Catarino e Oso (2013) ao analisar a literatura sobre negócios étnicos, que nos permitimos citar mais longamente:

Os estudos sobre os “negócios étnicos” também reconheceram o papel da família como uma espécie de capital social, no quadro dos recursos étnicos a que os migrantes costumam recorrer ao montar um negócio. Por exemplo, Raijman e Tienda (2003) destacam a maneira como os coreanos em Chicago têm uma tendência muito maior de abrir um negócio do que os mexicanos, devido às diferenças de acesso à capital através de fontes étnicas e familiares. Como Ram *et al.* (2001) afirmam que a maior parte da literatura que aborda a questão da família no âmbito dos negócios étnicos destaca o fato de que as diferenças culturais impactam na dinâmica empresarial. Consequentemente, algumas comunidades imigrantes parecem beneficiar de maiores facilidades na criação e manutenção de empresas, fruto de solidariedades, ideologias familiares ou culturais que promovam a atividade empresarial, como é o caso dos sul-asiáticos. (Jeremy Boissevain; Hanneke Grotenberg, 1987; Robert Boyd, 1990; Nazli Kibria, 1994; Enzo Mingione, 1999; Jimmy Sanders; Victor Nee, 1996; Pnina Werbner, 1990; Monde Ram *et al.*, 2001; Cristhina Catarino; Laura Oso, 2013)

Vejamos mais de perto. O ingresso em uma profissão é muitas vezes apresentado pelos interlocutores como tendo ocorrido “por acidente”, e não como uma decisão consciente previamente planejada. O argelino explicou que foi “por acaso” que aprendeu a fazer chaves, assim como surgiu a oportunidade de adquirir o seu local (embora já estivesse a poupar havia anos para ter o seu próprio negócio), a coreana queria ser uma artista plástica, mas acabou cozinhando pratos que sua mãe lhe ensinara, e a brasileira que estudava para ser professora de línguas acabou se especializando em pintura e decoração de interiores

A compra do local de trabalho surgiu como uma segunda fase no itinerário profissional desses imigrantes. Na primeira fase, trabalhavam como

empregados de outro empresário, geralmente da mesma origem étnica. Para comprar o próprio negócio precisavam de uma soma considerável de dinheiro, que é maior nos bairros de elite (16^o_{ème}, 8^o_{ème}, 7^o_{ème} e 5^o_{ème}) e menor nos bairros populares (19^o_{ème} e 20^o_{ème}). Nossos interlocutores estavam localizados na Place d'Italie, no 13^o_{ème}, que tem uma faixa de preço mediana, mas que subiu com a alta geral de preços na cidade, e em maior proporção, dada a recente gentrificação da região.

Ter uma residência que coincida com o local de trabalho no início do negócio ajuda a economizar. Outros estudos de “empresas familiares” (Everts, 2010) mostram essa necessidade de coincidir a residência com o local de trabalho. A separação da residência de uma loja ou restaurante indica a passagem para outro momento, de maior conforto, na vida desses empresários imigrantes.

Outro sinal de sucesso empresarial é o emprego de trabalhadores assalariados. Da dependência de mão de obra própria e familiar, passam à utilização de trabalhadores assalariados, empregados que têm geralmente a mesma origem étnica, sem com isso prescindir da mão de obra própria ou da família. Essa é uma etapa que depende do sucesso e da natureza do negócio. Não encontramos em empresas no bairro funcionários que, pela quantidade de clientes, pudessem ser facilmente atendidas por uma pessoa. Apenas os encontramos nos restaurantes mais bem-sucedidos e em padarias.

Estudos também indicam a necessidade de que o trabalho familiar se some ao capital familiar, pelo menos nos estágios iniciais da empresa. Alguns estudos sobre negócios étnicos mostram que esse uso de mão de obra familiar está mais presente em algumas grupos étnicos do que em outros. No entanto, Zimmer e Aldrich (1987), em suas pesquisas que compararam lojistas asiáticos e britânicos na Grã-Bretanha, não encontraram diferença entre empreendedores locais e estrangeiros e concluíram que “estudos examinando apenas imigrantes podem encontrar o que parecem ser características distintivas, mas, na verdade, muitos traços são comuns a todos os proprietários de pequenas empresas, dado o ambiente turbulento que enfrentam” (1987, p. 443).

Mesmo se tendemos a concordar, de modo geral, com Zimmer e Aldrich, e também com Rekers e Van Kempen (2000), que apontam que trabalhar longas horas e empregar mão de obra familiar não são traços particulares de empresas étnicas, mas de pequenas empresas em geral, os resultados de nosso estudo revelaram diferenças significativas entre a forma como os locais, i.e., franceses, e os estrangeiros administram seus negócios. Um indício da diferença entre o imigrante e o empresário francês é o horário que cumprem durante a semana, nos feriados e nas férias. Na extensão da jornada de trabalho, vemos uma diferença significativa entre locais e estrangeiros. Durante uma das fases da nossa pesquisa de campo, em julho de 2012, a maioria das lojas com proprietários franceses estava fechada para as férias de verão, permanecendo apenas as lojas de imigrantes abertas em horário normal, que em geral apresentam uma jornada mais longa do que as lojas de lojas francesas. Os estrangeiros geralmente não fazem pausas aos domingos ou segundas-feiras, que é o dia comum de descanso para comércio e serviços na França. Essa diferença na extensão da jornada de trabalho tem, evidentemente, reflexos na perspectiva econômica, no estilo de vida, na saúde e no consumo.

Relação com a França

Segundo dados do INSEE:

Em 2021, 7,0 milhões de imigrantes vivem na França, ou seja, 10,3% da população total. 2,5 milhões de imigrantes, ou 36% deles, adquiriram a nacionalidade francesa. A população estrangeira que vive na França é de 5,2 milhões de pessoas, ou 7,7% da população total. É composto por 4,5 milhões de imigrantes que não adquiriram a nacionalidade francesa e 0,8 milhão de pessoas nascidas na França de nacionalidade estrangeira.⁵³

⁵³ <https://www.insee.fr/fr/statistiques/3633212>

A imigração na França, como em muitos países europeus, tem sido ideologicamente apresentada por partidos políticos de direita e grande parte da mídia como um problema social considerável. Como em muitos outros países do Norte global, os imigrantes são retratados como uma ameaça econômica (“eles tiram nossos empregos”) e uma ameaça à segurança pública.

Buscamos saber o que pensam os empresários imigrantes da Place d’Italie em relação à política de imigração da França e como veem outros imigrantes. Compartilham eles o imaginário de medo e repulsa em relação a outros imigrantes, ou são a eles solidários? Ao contrário do que pensávamos, muitos dos empresários imigrantes da Place d’Italie aprovam políticas imigratórias restritivas e repetem em suas falas uma aversão aos novos imigrantes. Para a maioria deles, o outro a temer não é o cidadão francês, mas o imigrante de determinadas nacionalidades ou grupos étnicos. Como nos disse um dos chaveiros, a importância de ter uma porta blindada em nosso apartamento se justificava por causa da presença de “delinquentes” em Paris, que ele nomeou como “ciganos e romenos”.

Outro tópico que tratamos sob a ótica dos empresários foi a relação dos imigrantes com o país de origem, que tem sido uma preocupação bastante presente nos estudos de migração transnacional. Aqui, buscamos abordá-la considerando que as leis de imigração francesas e suas formas de aplicação são objeto de amplo debate no país há algumas décadas. Embora a maioria de nossos interlocutores não pretenda retornar ao seu país de origem, salvo raras exceções, alguns mantêm, ao menos discursivamente, uma vida entre lugares, em uma condição de transnacionalidade.

Foi o caso do argelino que falava e vivia como se a fronteira geográfica não existisse. Talvez a França não tenha para ele ares de país geograficamente distante pela relação colonial. No entanto, mesmo neste caso, percebe-se que ele aponta claramente o distanciamento nas práticas culturais: “Na nossa cultura, quando nasce menino, se faz uma festa maior do que para uma menina”, disse, reconhecendo o maior valor atribuído aos homens que é específico de sua “cultura” e não faz parte dos valores sociais franceses. Mesmo que não tenha planos de retornar ao país de origem,

podemos classificá-lo como transmigrante, dada a onipresença da Argélia em seu cotidiano: “Transmigrantes são imigrantes que vivem suas vidas além das fronteiras nacionais, participando da vida cotidiana e dos processos políticos de dois ou mais Estados-nação” (Glick Schiller, 1997, p. 158).

A presença de familiares no país de origem, bem como a memória dos bons momentos ali vividos têm um papel importante na manutenção desse vínculo e da condição de transnacionalidade. Em contraste, uma experiência traumática pode causar uma ruptura. De todos os imigrantes que entrevistamos, o cambojano foi o mais enfático ao dizer que seu país agora é a França e que não pensa em retornar ao Camboja.

Ainda quando não haja uma situação traumática, a distância pode ser sentida aos poucos, por um distanciamento do ethos e da rede de amigos e conhecidos dos imigrantes antes da mobilidade. No caso da coreana, a distância é menor que a do cambojano, mas notamos uma alienação em relação ao seu país de origem, pois ela reclamava da obrigação de ir a festas todos os dias, ver amigos coreanos quando visitava seu país. Assim, a proximidade com a França e a distância simbólica que se mantém com o país de origem independem de uma distância geográfica.

Relações de gênero

Até meados da década de 1970, a imigração não europeia em Paris era predominantemente masculina e relacionada com a situação colonial francesa (Georges Balandier, 1957), com a vinda de homens, jovens, do Magreb (Noroeste da África), que deveriam suprir as necessidades de mão de obra industrial e na construção civil decorrentes da reconstrução do pós-guerra e do boom econômico do pós-guerra. A partir de 1974, quando a economia industrial passa a declinar, trava-se a imigração laboral e passa a ser permitida a imigração familiar. Desde essa data, a participação das mulheres nos fluxos imigratórios aumentou, seja para o que pela legislação de imigração se chama de “reagrupamento familiar” ou de forma individual. Em 2021, 52% do total de imigrantes são mulheres, em comparação com 44% em

1975 e 45% em 1946. Observam-se novos fluxos de imigração para além dos já presentes da África Subsaariana (também preferencialmente uma imigração pós-colonial), do Vietnã, da China e do Camboja.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos (INSEE), de modo geral, a população imigrante na França vem aumentando em número e como porcentagem da população total desde 1946. Em 2021, ela corresponde a 10,3% da população que vive na França, em comparação com 7,4% em 1975 e 5% em 1946. A distribuição do total de imigrantes vivendo na França nascidos em outro continente mostra que a maioria provém da África (47,5%), seguido de países da Europa (32,2%) e da Ásia (14,4%), ficando as Américas e a Oceania agrupadas com a menor porcentagem (5,8%).

A estatística mais recente foi prejudicada pela crise sanitária da pandemia do Covid 19, que provocou o fechamento de fronteiras e, consequentemente, um declínio em 2020 de 21% da imigração na França em relação ao ano anterior. Em 2020, os fluxos migratórios continuaram vindo majoritariamente da África (41%, com a predominância do Marrocos, Argélia, Tunísia, mas onde já aparece em seguida a Costa do Marfim e o Senegal), da Europa (32%, com a predominância da Itália, Espanha, Reino Unido, Romênia e Bélgica), da Ásia (16,1%, a ampla maioria da China, vindo mais atrás a Índia e a Turquia, e, em decorrência de guerras, do Afeganistão e da Síria), ficando a América e a Oceania com apenas 10,9%. Destaca-se nesse grupo a predominância do Brasil,⁵⁴ seguido pelo Haiti, Estados Unidos e Colômbia.

Mais recentemente, famílias e mulheres desacompanhadas cresceram em número nas estatísticas. A migração na França tornou-se mais feminina, seguindo uma tendência global ligada aos trabalhos de cuidado com crianças e idosos.

Estudos mostram que a experiência da migração transnacional dos países do Sul para os países do Norte transformou as relações de gênero, tanto em seus países de origem quanto na França. Por um lado, a

⁵⁴ 2,1% dos imigrantes que chegaram à França em 2020 nasceram no Brasil.

independência econômica das mulheres migrantes e os recursos enviados às famílias em seus países de origem tem permitido maior agência das mulheres em situações familiares tradicionalmente mais conservadoras. Essa independência das mulheres imigrantes empreendedoras também foi encontrada entre os empresários da Place d'Italie, apesar de relatos de que as tradicionais desigualdades de gênero apareciam quando retornavam aos seus países de origem para férias ou eventos familiares importantes, como casamentos, aniversários, funerais etc.

Por outro, a presença de mulheres migrantes em atividades de cuidado, limpeza e restauração revela desigualdades entre mulheres francesas e imigrantes, sendo que as primeiras se beneficiam dos serviços domésticos de baixo custo que são realizados por mulheres migrantes etnicizadas (Françoise Verges, 2021). Paira, todavia, nos discursos produzidos por nossos e nossas entrevistadas, uma visão homonacionalista (Jasbir Puar, 2013) sobre relações de gênero, que colocam países europeus, como a França, em uma escala superior no que diz respeito à equidade de gênero.

Na Place d'Italie, a presença ou não de mulheres nos pequenos negócios parece estar diretamente relacionada ao tipo de trabalho envolvido e ao tipo de imigração (política, cultural ou pós-colonial). Entre os imigrantes culturais, notamos uma incorporação mais rápida de valores individualistas franceses que fazem com que as mulheres tenham mais autonomia financeira, sendo em muitos casos elas próprias as donas. Situação um pouco diferente para o grupo de imigração pós-colonial cuja própria estrutura migratória se constitui como um projeto familiar, no qual o “futuro dos filhos” é seguidamente colocado como a principal razão da imigração.

Considerações finais

Os estudos de imigração têm se concentrado predominantemente na faceta do trabalho manual mal remunerado. No entanto, ao lado de trabalhadores não qualificados que se submetem a condições de trabalho precárias, existem outros fluxos de emigrantes, como os comerciantes da Place d'Italie,

que se estabelecem em outros países temporária ou permanentemente, em condições econômicas mais favoráveis. Muitos deles eram trabalhadores imigrantes que iniciaram seu processo migratório em empregos mal remunerados e ascenderam socialmente ao longo do tempo, abrindo estabelecimentos comerciais, como restaurantes étnicos, faxineiras, lojas de internet, chaveiros etc., de consumo na França.

O estudo mostrou que há uma grande concentração de empresários imigrantes em Paris. Encontramos todos os casos relatados ao longo de apenas algumas centenas de metros em duas ruas. Uma das fortes características dos empresários que entrevistamos é que eles são donos de seus negócios, ou, em outros termos, são donos dos meios de produção (os equipamentos e espaço), o que os coloca na categoria de pequenos empresários, uma importante categoria social e profissional na França. Nós os classificamos em três grandes modelos de imigrantes: imigrantes culturais, refugiados políticos e imigrantes pós-coloniais. Cada um desses grupos está inserido no mercado de trabalho e nas relações com suas famílias e países de origem de forma diferenciada.

Em um contínuo do processo de integração, verificamos que, por um lado, os imigrantes culturais aderem mais rapidamente ao ethos individualista que caracteriza sociedades moderno-contemporâneas, enquanto, por outro, os imigrantes pós-coloniais mantêm laços mais fortes com as suas famílias de origem, em que prevalece um ethos holístico e obrigações de reciprocidade estabelecidas pelo “enriquecimento” envolvido com o processo migratório.

Esses empreendedores estão inseridos no mercado de trabalho por meio de uma rede de outros imigrantes da mesma origem étnica. De fato, a genealogia das localizações de negócios mostra uma tendência de transmissão de uma localização a outros imigrantes da mesma nacionalidade. Esses empresários imigrantes também são a principal fonte de trabalho para o negócio, geralmente em conjunto com o trabalho de membros da família, como cônjuges e filhos. No caso dos restaurantes, esse trabalho familiar é complementado pelo trabalho dos empregados — que também são

imigrantes na trajetória inicial da imigração — que exercem funções subalternas, com baixa remuneração e que geralmente trabalham na cozinha e na limpeza.

A origem étnica dos imigrantes tem sido vista como um fator importante na determinação da facilidade de abertura de um negócio — na América do Norte, os asiáticos são apontados como aqueles que mais contam com apoio familiar, capital familiar, plano familiar e rede de solidariedade, por causa de seus valores culturais. De fato, identificamos essa facilidade entre alguns grupos asiáticos, embora também tenha sido encontrada em outros — como os latino-americanos —, de tal forma que essa facilidade parece estar fortemente relacionada ao capital familiar (cultural e econômico) mais do que a uma ideologia que dá maior valor ao trabalho ou qualquer outra característica “étnica”.

Como vimos nos exemplos aqui apresentados, em Paris, a etnicidade constitui importante capital cultural para alguns negócios, em particular os relacionados com a alimentação, em que o fator étnico ocupa um lugar importante na vida dos parisienses. Os empreendedores imigrantes devem ser vistos em relação às suas origens culturais, mas também dentro de diversos contextos e situações que podem desempenhar um papel com importância semelhante à da origem étnica.

Referências

ALLEYNE, Brian. “An Idea of Community and Its Discontents: Towards a More Reflexive Sense of Belonging in Multicultural Britain.” *Ethnic and Racial Studies*, 25, 2002, p. 607-627.

AMIN, Ash. Ethnicity and the Multicultural City: Living With Diversity.” *Environment and Planning A*, 34, 2002, p. 959-980.

APPIAH, Kwame Anthony. Patriotas cosmopolitas. In: *Revista brasileira de Ciências Sociais*, 13,36, 1998, p. 1-17.

BACH, Linda; SCHILLER, Nina Glick; Blanc C. S. "Transnationalism: A New Analytic Framework For Understanding Migration." *Annals of the New York Academy of Sciences*, 645, 1992, p. 1-24.

BACH, Linda. *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*. Amsterdam: Gordon and Breach Publishers, 1997.

BAINES, Sue; WHEELOCK, Jane. "Working for Each Other: Gender, the Household and Micro-Business Survival and Growth." *International Small Business Journal*, 17, 1, 1998, p. 16-35.

BAUBÖCK, Rainer; FAIST, Thomas. *Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods*. Amsterdam: University of Amsterdam, 2010.

BEYERS, Leen; VENKEN, Mechteld; GODDEERIS; Idesbald "Families, Foreignness, Migration." *History of the Family* 14, 2009, p. 125-131.

BLOCH, Françoise; BUISSON, Monique. "Du don à la dette: La construction du lien social familial." *Revue du MAUSS* (special issue "Donner, recevoir et rendre, l'autre paradigme") 1, 1, 1991, p. 54-71.

BOISSEVAIN, Jeremy; GROTENBERG, Hanneke. Ethnic Enterprise in the Netherlands: The Surinamese of Amsterdam. In: R. GOFFEE; R. SCASSE (Eds.). *Entrepreneurship in Europe*. London: Croom Helm, 1987, p. 105-130.

BOURDIEU, Pierre (Ed.). *La misère du Monde*. Paris, Seuil, 1993.

BOYD, Robert. "Black and Asian Self-Employment in Large Metropolitan Areas: A Comparative Analysis." *Social Problems*, 37, 1990, p. 258-274.

CAILLÉ, Alain. *Don, intérêt et désintéressement: Bourdieu, Mauss, Platon et quelques autres*. Paris: La Découverte, 2005.

CASTLES, Stephen. "Guest Workers in Europe: A Resurrection?" *International Migration Review*, 40,4, 2006, p. 741-746.

CATARINO, Cristhina; OSO, Laura. The Transmission of Labour Commitment within Families of Migrant Entrepreneurs in France and Spain. In: Albert KRALER; Eleonore KOFMAN; Martin KOHLI; Camille SCHMOLL (Eds.). *Gender, Generations and the Family in International Migration*. Amsterdam. Amsterdam University Press, 2013, p. 163-192.

CLIFFORD, James. "Diasporas." *Cultural Anthropology* 9, 3, 1994, p. 302-338.

COLLIER Jr., John. *Visual Anthropology: Photography as Research Method*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1986.

CRESWELL, Tim. "Seis temas na produção das mobilidades." In: Renato Miguel CARMO; José SIMÕES (Eds). *A produção das mobilidades*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009, p. 25-40.

DONATO, Katharine; GABACCIA, Donna. *Gender and International Migration*. New York: Russell Sage Foundation, 2015.

DONATO, Katharine *et al.* "A Glass Half Full? Gender in Migration Studies." *International Migration Review*, 40, 1, 2006, p. 3-26.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus*. London: Palladin, 1972.

EVERTS, Jonathan. "Consuming and Living The Corner Shop: Belonging, Remembering, Socialising." *Social & Cultural Geography*, 11, 8, 2010, p. 847-863.

FERRIS, Elizabeth G.; DONATO, Katharine M. *Refugees Migration and Global Governance: Negotiating the Global Compacts*. London, NY: Routledge, 2020.

FINCH, Janet; MASON, Jennifer. *Negotiating Family Responsibilities*. London: Routledge, 1993.

GODBOUT, Jacques; Alain CAILLÉ. "Le don existe-t-il (encore)?" *Revue du MAUSS* (Edition Spéciale "Donner, recevoir et rendre, l'autre paradigme") 11, 1991, p. 11-32.

HANNERZ, Ulf. "Cosmopolitans and Locals in World Culture in Theory." *Culture & Society*, 7, 1990, p. 237-251.

KAPLAN, David; LI, Wen. Introduction: The Places of Ethnic Economies. In: D. Kaplan; W. Li (Eds.) *Landscapes of the Ethnic Economy*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2006, p. 1-14.

KIBRIA, Nazli. "Household Structure and Family Ideologies: The Dynamics of Immigrant Economic Adaptation among Vietnamese Refugees." *Social Problems*, 41, 1994, p. 81-96.

KLOOSTERMAN, Robert; RATH, Jan. Introduction. In: KLOOSTERMAN, Robert; RATH, Jan, Eds.). *Immigrant Entrepreneurs: Venturing Abroad in the Age of Globalization*. Oxford: Berg, 2003, p. 1-16.

KOFMAN, Eleonore “Family-Related Migration: A Critical Review of European Studies.” *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 30, 2, 2004, p. 247-249.

KOFMAN, Eleonore et al. *Gender and International Migration in Europe: Employment, Welfare and Politics*. London, NY: Routledge, 2000.

KÖNIG, Mareike; OHLIGER, Rainer. “Facing Migration History in Europe: Between Oblivion and Representation.” In: KÖNIG, Mareike; OHLIGER, Rainer. (Eds.). *Enlarging European Memory. Migration Movements in Historical Perspective*. Ostfildern: Jan Thorbecke Verlag, 2006, p. 11-19.

KRISTEVA, Julia. *Strangers to Ourselves*. Trans. Leon S. Roudiez. New York: University of Columbia Press, 1991.

LEE, Everett S.. “A Theory of Migration.” *Demography*, 3, 1, 1966, pp. 47-57.

LEY, D. Explaining Variations in Business Performance among Immigrant Entrepreneurs in Canada.” *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 32, 2006, p. 743-764.

MARCHAND, Bernard. *Paris, histoire d'une ville, XIXè-XXè siècle*. Paris: Seuil, 1993.

MARGOLIS, Maxime L. *Little Brazil: An Ethnography Of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MINGIONE, Enzo. “Introduction: Immigrants and the Informal Economy in European Cities.” *International Journal of Urban and Regional Research*, 23, 2, 1999, p. 109-111.

PEREZ, Rosa Maria. Como uma estrela de Bollywood: filmes, deusas e mulheres na Índia rural. In: Silvia Arendt; Carmen Rial; Joana Pedro (Eds.). *Diásporas, mobilidades, migrações*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011, p. 293-307.

PÉTONNET, Collette. *On est tous dans le brouillard*. Paris: Ed. Galilée, 1979.

PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. *Sociologie de Paris*. Paris: La Découverte, 2008.

PUAR, Jasbir. Rethinking Homonationalism. *International Journal of Middle East Studies*, 45 (2), 2013, p. 336-339.

RAIJMAN, Rebeca; TIENDA, Marta. “Ethnic Foundations of Economic Transactions: Mexican and Korean Immigrant Entrepreneurs in Chicago.” *Ethnic and Racial Studies*, 26, 5, 2003, pp. 783-801.

RAJOVIĆ, Goran. “Some Socio-Geographic Characteristics of Modern Labor Migration from Serbia and Montenegro to Denmark: Social Life and Social Relations Migrants.” *International Letters of Social and Humanistic Sciences*, 2, 2003, p. 1-17.

RAM, Monde *et al.* “Making the Link: Household and Small Business Activity in a Multi- Ethnic Context.” *Community, Work and Family*, 4, 3, 2001, p. 327-348.

REKERS, Ans; VAN KEMPEN, Ronald. Location Matters: Ethnic Entrepreneurs and the Spatial Context. In: Jan Rath (Ed.). *Immigrant Business: The Economic, Political, And Social Environment*. New York: Palgrave MacMillan, 2000, p. 54-56.

RIAL, Carmen S. de M. “Contatos Fotográficos.” *Antropologia em Primeira Mão*. 7, 2001, pp. 2-48.

RIAL, Carmen S. de M.. “Rodar: The Circulation of Brazilian Football Players Abroad”. *Horizontes antropológicos*. vol. 4. Selected edition. 2008. Disponível em: http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000100007&lng=en&nrm=iso

RIAL, Carmen Silvia de Moraes; GROSSI, Miriam Pillar. Vivendo em Paris: Velhos e Pequenos Espaços numa MetrÓpole. *APM* 5, 42, 2000, p. 2-46.

SANDERS, Jimmy; NEE, Victor. “The Family as Social Capital and the Value of Human Capital.” *American Sociological Review*, 61, 1996, p. 231-249.

SASSEN, Saskia. *The Global City. New York, London, Tokyo*. Princeton. Princeton University Press, 1991.

VAILATI, Alex; RIAL, Carmen (Eds.). *Rich Migrants*. NY: Routledge, 2017.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

WERBNER, Pnina. “Renewing an Industrial Past: British Pakistani Entrepreneurship in Manchester.” *Migration*, 8, 1990, pp. 17–41.

WHEELLOCK, Baines. Creating Your Own Job: The Behavior of Micro-Business Households in the Risk Society. In: J. Michie; A. Reati. (Eds.). *Employment, Technology and Economic Needs: Theory, Evidence, and Public Policy*. Cheltenham, UK; Northampton, MA: Edward Elgar, 1998, p. 199–228.

ZHOU, Min. “Revisiting Ethnic Entrepreneurship: Convergencies, Controversies, and Conceptual Advancements.” *International Migration Review*, 38, 2004, p. 1040–1074.

ZIMMER, Catherine; ALDRIC, Howard. “Resource Mobilization through Ethnic Networks Kinship and Friendship Ties of Shopkeepers in England.” *Sociological Perspectives*, 30, 4, 1987, p. 422–445.